

Vínculo Zero. Performance, convergência e impossibilidade

Maria Beatriz de Medeiros*
Mariana Brites**

Universidade de Brasília

Resumo

O artigo “Vínculo Zero. Performance, convergência e impossibilidade” passeia por entre programas de uma mesma ação em performance. A ação *Vínculo Zero* é revisitada em suas três *apresentações*. O outro de beijos ativam a impossibilidade múltipla sendo risadas, cócegas, com-tato, música e(m) peidos sonoros. O batom é preto: vínculo zero: beijo invertido, som de pum, cara de C.U. (Composição Urbana) e risadas. Convergência, riso, cara borrada e ridículo. O silêncio dos transeuntes boquiabertos como se pedissem vínculo zero: beijem-nos, antes que o substrato de nossas ações se torne figura de retórica!

Palavras-chave

Performance; Composição Urbana; Beijo; Risada.

Vínculo Zero. Performance, convergence et impossibilité

Resumé

L'article “Vínculo Zero. Performance, convergence et impossibilité” se promène parmi des programmes d'une même action en performance. L'action Vínculo Zero (Lien Zéro) est revissée dans ses trois présentations. L'autre des bisous activent des impossibilités multiples tout en étant rire, chatouillement, toucher, la musique et/avec pets sonores. Le rouge à lèvres est noir: nul lien: baiser inversé, son de pet, gueule de C.U. (Composition Urbaine) et des rires. Convergence, rire, visage maculé et ridicule. Le silence des spectateurs ébahis comme s'ils demandaient lien zéro: embrassez-nous, avant que le substrat de nos actions devienne figure de rhétorique!

Mots-clés

Performance; Composition Urbaine; Bise; Rire

* Doutora em Arte e Ciências da Arte- Université de Paris 1, pós-doutorado em Filosofia no Collège International de Philosophie, Paris. Professora da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 1992. Pesquisadora do CNPq. www.corpos.org; www.performancecorporpolitica.net; www.grafiasdebiamedeiros.blogspot.com.br.

** Mestranda em Poéticas Contemporâneas pelo Programa de Pós Graduação em Arte e Graduada em Artes Cênicas na Universidade de Brasília-UnB. Bolsista da CAPES. Performadora e poeta, desenvolve pesquisas sobre performance e suas variadas possibilidades de registro. www.vimeo.com/marianabrites

A arte, muitas vezes, tenta revelar um mundo que existe, mas que não parece ser possível ou não parece ter sido pensado, intuído, visualizado, sentido. Ela pode reunir sensações e elementos aparentemente desconexos, avessos, incompatíveis provocando um confronto ou um encontro. As confronta. Assim, faz viver possíveis, potências, prazeres. Deleuze talvez dissesse impossíveis.

Será que poderíamos dizer que existe compossibilidade entre duas singularidades quando o prolongamento de uma até a vizinhança da outra faz acontecer uma série convergente e, ao contrário, que existe impossibilidade, quando as séries são divergentes? Seria, então, a convergência e a divergência das séries que me permitiriam definir a relação de compossibilidade e impossibilidade. (Deleuze, 1987).



Fig.1. Éraсте e Éromène, século V A.C. Museu do Louvre, Paris. Fonte fr.wikipedia.org/wiki/Baiser#/media/

O problema é que o impossível não é a mesma coisa que o contraditório. [...] não existe somente possível, necessário e impossível. Ele (o impossível) pretendia cobrir toda uma região do ser. (Deleuze, 1980)

Certo, Gilles Deleuze está se referindo ao conceito de singularidade, singularidades contraditórias e impossíveis. O que estamos fazendo é expandindo, vazando seu conceito, como Deleuze e Félix Guattari sugeriram em *Mil Platôs* (1995): linha de fuga, *ligne de fuite*, isto é, fuga mas, também, vazamento. Estamos vazando o conceito de Leibniz, que Deleuze, explica. A arte cria impossibilidades: séries divergentes em vizinhanças aparentemente convergentes.

O beijo não é um impossível: a palavra francesa *bise*, tem origem onomatopéica correspondendo ao barulho feito pelos lábios que sugam. O Kama Sutra tem representações de, pelo menos, trinta formas de beijar e existe mesmo o beijo sensual japonês onde coloca-se boca contra boca e acontece o sopro na boca. Mas aqui estamos falando de sensualidade, mas beijo pode ser outra coisa. *Vínculo Zero* inserido na prática da performance, mas sobretudo inserido na prática do Corpos Informáticos, torna-se fuleragem impossível.

Não discorreremos longamente sobre o beijo. O beijo é vínculo, ligação, mistura, desejo com prazer, exige carícia, delícia etc. A história do beijo está escrita:

Em *Mémorables*, Xenofonte faz seu mestre Sócrates dizer que o beijo de um belo rapaz é mais perigoso do que uma picada de tarântula, porque o contato dos lábios com um jovem reduz instantaneamente à escravidão o mais velho que se arriscou a ele. (Carré, 1998: 33)

Carré sugere, ainda, as "descrições metódicas hilariantes" do beijo: "acoplamento bucolingual", "masturbação bucal recíproca", "cataglotismo étnico", e cita Marcel Baudouin (1900): "A introdução [da língua] se acentua e é acompanhada por movimentos de circundução e de mergulhos laríngeos". "Se acreditamos na Bíblia, nascemos [a humanidade] de um

beijo, do **sopro** de vida que Deus insuflou em Adão” (Moultapa, 1998: 100. grifo nosso).

Vínculo Zero é beijo, sendo sopro entre duas ou mais singularidades em espaço urbano ou institucional, criando impossibilidades. Isto é, acoplamento buco-lingual desviando o beijo do romance, realocando as singularidades em compartilhadas, com partidas, não reduzindo o(s) outro(s) a nenhuma escravidão. Não há partilha. Nesta, as partes restam partes: compartilhar. Na partida cada um pode permanecer outro, o outro, os outros, partindo. Poesia: "pois ias, pois íamos ou pós vamos?" (Hamburger, *In Lemos*, 2013: 438).

Lembremos Orlan com seu *Le baiser de l'artiste* (O beijo da artista) realizado no Grand Palais em Paris durante Foire Internationale d'Art Contemporain (FIAC) de 1977. Aqui, Orlan propõe sua performance: em seu peito coberto por um manequim frontal, com mamilos pintados, foi feito um buraco onde cabe uma moeda e foi escrito: "INTRODUZIR 5 FRANCOS. O BEIJO DA ARTISTA, GRATA." Há ainda, sobre o manequim uns papezinhos com as inscrições: *Double peau* (Pele dupla), *Très pratique* (Muito prático), *Combien féminin* (Quanto feminino), *Grand Luxe* (Grande Luxo). *Le baiser de l'artiste* possui um programa de ação guiado pelo beijo "vendido". Segundo Eleonora Fabião, em cruzamentos com Deleuze e Guattari, o programa é um 'motor de experimentação'. O motor aqui é o beijo, a pele dupla, o feminino, o duplo. O que dá vida ao motor é o encontro e suas variantes.

Orlan distribui beijos e, interpelada por um repórter, diante das câmeras, propõe o riso:

Repórter:

_ Mas as pessoas... que vão chegar em casa depois do trabalho ou da usina e vão sentar em frente da televisão... que têm uma certa idéia de arte...

Orlan:

_ Mas que idéia de arte eles têm? Isso vai fazê-los rir, já é bom, depois de um dia de trabalho.¹

O riso, aqui é programa à parte. Já em *Vínculo Zero*, realizado por Corpos Informáticos, ele se torna parte do programa, como veremos a seguir.

Gilles Deleuze e Félix Guattari também propõem o riso. "Demos a ele uma forma circular, mas isto foi feito para rir." (1995, p. 33).

Márcia X escreveu uma proposta que não realizou: "1 hora rindo sem parar: sim, 60 minutos gargalhando de um gargalhar contínuo, não desesperado nem patológico - um riso prazeroso (*sic*), físico, chaqualhado (*sic*), impregnado nas fibras do ator e permeável nas fibras da platéia, onde se desenrolará o segundo plano da peça..." (2013, p. 393)

Vínculo Zero possui um programa de ação. Nessa ação o programa é, aparentemente, simples: caminhar em direção à outra pessoa, numa possibilidade convergente de beijo e quando as bocas se encostam ambas sopram dentro da boca alheia, tudo isto em Composição Urbana (C.U.). O sopro, freado pelo sopro alheio, gera saliva que não deságua na boca outra, escorre, baba. Não há só beijo, há íntimo e risível contato entre bocas que sopram e babam. "Isto foi feito para rir"?

Tudo que não está no programa funciona como brecha e pode compor a ação e a experiência. Mesmo com o programa incorporado, a ação em si se torna irrepetível. Nesse ponto destacamos que a irrepetibilidade da ação está nas relações sociais, locais e temporais que são criadas durante cada feita. Trata-se de um mesmo programa em variante constante com tempo, espaço e pessoas que será múltiplo e aberto. São *apresentações*, performances que se dão no improviso em seu programa dinâmico.

1 Vídeo disponível em <http://fresques.ina.fr/elles-centrepompidou/fiche-media/ArtFem00158/orlan-le-baiser-de-l-artiste.html>. Livre tradução por nós mesmas.

Vínculo Zero, realizada por Corpos Informáticos, é/foi acompanhado por um experimento sonoro. Os sons são de peido: sopro contra corpo contra sopro contra corpo. A gargalhada é/foi necessária, evidente, chaqualhante (chá, C.U. alho-ante. *Risos*). O som rompe o silêncio amoroso do beijo, desloca gestos resignificando-os. Há, ainda, trânsito desde a disputa de ar até o compartilhamento do mesmo.

Percurso ou "beijem-nos, antes que o substrato de nossas ações se torne figura de retórica!"

Em sua primeira vez, a ação foi executada pela coletiva Tete-a-Teta (Mariana Brites e Alexandra Martins), entre o CONIC e a Rodoviária Central de Brasília, em 2013, isto é, foi feita em espaço público sem divulgação e gerando posteriormente um documentário/videarte.² Aqui o "beijo" é doce, o sopro é lento. Ao fundo ouvem-se comentários e no vídeo é possível notar a movimentação da rua em relação ao casal, alguns se aproximam, fotografam, fazem cara feia. Desaprovam, mas não conseguem desgarrar-se da dupla. Os comentários *in loco* tangenciam a possibilidade poética-política de ocupação das ruas com esse quase-beijo lésbico, pulsão e repulsão. A ação ao mesmo tempo que aproxima os corpos, traz com o mesmo gesto um afastamento sutil dos corpos em decorrência da disputa imaterial de ar. Comentários e olhares, sobretudo lesbofóbicos, nos fazem mergulhar cada vez mais nesse quase-beijo. Ao final da ação o corpo está modificado, a cabeça impossível, sem lógica, sem singularidade e as noções de equilíbrio estão bagunçadas. A ação dura cerca de 15 minutos, ao fim cada uma das performadoras segue em sentido oposto pela cidade.

² <https://vimeo.com/93508976>



Fig.2. Frame do vídeo *Vínculo Zero*. vimeo.com/93508976. Coletiva Tete-a-Teta (Mariana Brites e Alexandra Martins). Imagens Gabi Cerqueira. Edição: Alexandra Martins. Brasília, 2013.

No ano seguinte, Maria Eugênia Matricardi e Mariana Brites refazem a ação, na galeria Espaço Piloto, Brasília, dentro de um evento organizado pelo Corpos Informáticos: Birutas (e) vento. Muitas singularidades surgem ao refazer de novo.³ Ao se fazer de novo, mesmo que mantido o programa, se abre ao irrepitível e às possibilidades que outros corpos *presentam*. O "de novo" não é o mesmo, nem a tentativa de repetir ou re-encenar o já vivido. De novo, novamente pode ser entendido aqui como outra ação. Outro desdobramento: múltiplo comum do programa. Matricardi tem uma índole corporal vigorosa, que leva a ação ao quase embate. Repetição: o ar é disputado e ao mesmo tempo compartilhado para a necessidade real do funcionamento fisiológico dos corpos. As risadas que aqui aparecem desfilam por entre sensações: cumplicidade, desespero. Desestabilizam o embate: risos. Os corpos se colocam em contra e em encontro com o outro: há força em direção aos corpos, o sopro é mais intenso, vaza, vira ruído. Ocupa o todo imaterial ar que nos envolve e mantém. Há muito riso e gargalhadas. A intensidade ao retomar ar é movimento.

³ MEDEIROS, M.B. CORPOS INFORMÁTICOS: BIRUTAS (E) VENTO, In 24º *Encontro Nacional da ANPAP*, 24, 2015, Santa Maria (RS). Anais, ANPAP, UFSM, 2015, p. 1461-1475. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/maria_beatriz_de_medeiros.pdf. Acesso em Abril 2016.

A performance, sugerida pela coletiva Tete-a-Teta inicialmente, aparenta caminhar para algo sensual e, aqui, em uma galeria de arte, se torna uma coisa inusitada para as primeiras. O mais inusitado, e inesperado foi o ataque de riso gerado a cada parada para tomar fôlego e ar novamente. O riso e a gargalhada reverberam na galeria, habitam entre o engraçado e o tomar fôlego para a convergência. O som compõe junto com a ação: novo desdobramento do mesmo programa. Recriação, recreação.

Em 2015, em Macapá (AP), *Vínculo Zero* se desdobra mais uma vez durante o evento Corpus Urbis. Aqui o programa foi realizado na praça. Há presença de olhares treinados e não treinados: público do evento e público passante. Porém, de certa forma, involuntariamente, o público do evento faz segurança à ação. Reinventa-se a ação com Bia Medeiros, Mariana Brites e Natasha de Albuquerque.



Fig.3. *Vínculo Zero*. Maria Eugênia Matricardi e Mariana Brites. Galeria Espaço Piloto, Brasília, 2014. Foto: Ayla Gresta

Quando se refaz a convergência da impossibilidade, não é/foi 'de novo', nem 'novo', é/foi 'outro'. Trabalhamos com o que não se repete: performance, onde o tempo, as células do corpo em decomposição

constante, a proximidade (ou distância) das pessoas, as ações e reações extrapolam o previsto. Cada corpo corta a certeza e diverge.

Esta segunda ação, com duração de 25 minutos, foi realizada dentro do espaço de uma galeria. Há diferença em relação à rua. Aqui não se ouvem comentários lesbofóbicos, há integração. Aqui estamos autorizadas a ser 'arte'. O conforto dá-se, a ação se prolonga até o limite dos corpos e pulmões. A bolha, a galeria branca, embora séria, ria sem perceber, compunha e nos potencializava.



Fig.4. *Vínculo Zero*. Bia Medeiros, Mariana Brites e Natasha de Albuquerque. Ruas de Macapá, evento Corpus Urbis, Amapá. 2015. Foto: Daniel Seda

O que mais nos atraía no 'beijo', agora, era a possibilidade de, com ele, fazer música, peidos sonoros e muito riso. Isto é, aqui a potência foi levada para a possibilidade de geração de som de peido e seu decorrente riso, gargalhada. Um batom preto foi adicionado à performance. Durante a ação o desenho do batom foi se desformando, criando outra nuance para as bocas. Houve participação de Raphael Couto, que participava do evento.

Nosso pouco conhecimento gera desconforto e multiplica a potência do riso, chaqualhando (*sic*) a praça. Sim, o riso, a cara borrada, o ridículo, o silêncio dos transeuntes boquiabertos como se pedissem *Vínculo Zero*: quem tem medo de beijo na boca?

Boca torta, babada, risível, instrumental. Bocas que não se convencem do contorno dos lábios. Batons borrados, corpo-boca gritam com-tato no meio da praça. Curiosos se aproximam e sem saber o que fazer se vão. Todo riso, cada beijo, cada marca preta em você é toda convite. Não vá para tão longe! Seu olhar é combustível, sua presença incendeia! Posso contornar sua boca em preto desde que o prazer em borrá-la seja todo nosso, fuleragem compartilhada. Então, vem cá, peidei na sua boca, vice-versa e viu-se o verso.

Outra realização em performance cria possibilidades para a ação. Como em um sistema de dobras, as possibilidades vão sendo reveladas a partir do movimento dos corpos. Há sempre outro modo de olhar para aquilo que se faz, há sempre outro modo de fazer aquilo que se programa. Há sempre outros corpos que comporão diferentemente, recriarão. Há inclusive o modo de não ver e, apenas, permitir sentir: sentir-fazer-sendo. Criar no corpo esse outro espaço possível para a criação: que privilegie o prazer e as sensações. As ações performáticas não estão paradas nem mesmo seus registros fotográficos, audiovisuais ou textuais são capazes de estagná-las. As performances buscam ruídos na linguagem codificada, suas potencialidades em registro (vídeo, foto, texto, história) buscam outras formas de organizar os códigos, desejanter de caminhos impossíveis. Esses registros facilitam para que a ação (e seus vestígios) não cessem as possibilidades poéticas do presente texto.

Avião

Corpos Informáticos repete o irrepitível, faz isto para beijar, faz "isto para rir", para provocar os onze sentidos e o sentido. Gerar o impossível pode ser um desvio de concentração em pleno vôo de avião e tornar-se

texto com cheiro de batom preto e baba. *Vínculo Zero* não cobra pelo beijo. Aqui a pele não é dupla, é permeável, a mais profunda, aquela que funda. *Vínculo Zero* não ri durante uma hora: faz fuleragem e desafia a política de Estado.

Aqui não há nada a entender, nada a ser lido pela linguagem, pelo signo. A mente tende a significar. O imprevisível dá um tapa no cotidiano. Duas, ou três ou mais, mulheres se aproximam uma da outra como se fossem beijar-se na boca, doce. O corpo se enche de ar. Um corpo se encontra com outro. Não há só beijo, mas sopra. O corpo sopra, se apoia no outro ou o precipita, sopra, solta e ri. O batom máscara, cosmética, lambuza tudo. O corpo se enche de ar e sopra, o outro idem. Outro corpo, mais ar, os músculos tesos, a boca sopra, a bochecha incha, o ar vaga e baratina. O som é hilário, o riso incontido explode a praça, os passantes boquiabertos. Os corpos vagabundos riem. Testam e retestam o ancestral cataglotismo do prazer. Na roda entra mais um corpo e “vamos de quatro?” O corpo em performance recebe a proposta e recebe com o corpo todo, inteiro. Sem pre-ver, sem linguagem, os quatro (Bia Medeiros, Mariana Brites, Natasha de Albuquerque e Raphael Couto) se colocam de quatro, o ar nos pulmões, a tentativa de aproximação e o riso. Nova tentativa, tenta, ativa, o vínculo, que em nada se aproxima de zero, pode ser zero: zero de linguagem doce, incompreensão. Essa empurra os transeuntes em sensações: são quatro mil bactérias trocadas por beijo na boca. Aqui são um milhão e seiscentos mil bactérias em dança. Dança sem par, mas não-solitária ou poesia. E há (com)partida, porém permanece-se outro, o outro, os outros, partindo. Dança-se com toda a praça que desavisada também é parte/todo.

Vínculo Zero, em suas *apresentações*, nos deixa à margem, lugar de proliferação das bactérias, secreções e contaminações de performances, convergência e impossibilidade. À margem das Belas Artes, no centro da cidade fazendo C.U., no encontro e em nós mesmas. O som e as risadas tocam sem tato, riem em caras distantes.

Referências

CARRÉ, Yannick. Signo de paz, símbolo de amor. In *O beijo: primeiras lições de amor. História, arte, erotismo*. São Paulo: Mandarin, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Les cours de Gilles Deleuze*. 29/04/1980. Disponível em www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=54&groupe=Leibniz&langue=1. Acesso em 20 out. 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs 1: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Sala Preta*, São Paulo, n. 8, p.235-241, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/viewFile/57373/60355>>. Acesso em 22 abr. 2016.

LE MOS, Beatriz (org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.

MEDEIROS, M.B. CORPOS INFORMÁTICOS: BIRUTAS (E) VENTO, In *24º Encontro Nacional da ANPAP*, 24, 2015, Santa Maria (RS). Anais, ANPAP, UFSM, 2015, p. 1461 1475. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2015/comites/cpa/maria_beatriz_de_medeiros.pdf. Acesso em Abril 2016.

ORLAN. *O beijo da artista*. Disponível em <http://fresques.ina.fr/elles-centrepompidou/fiche-media/ArtFem00158/orlan-le-baiser-de-l-artiste.html>. Acesso em Abr. 2016 .

Performance, Corpo e Política. www.performancecorporopolitica.net. Acesso em Mar. 2016.

Vídeo: *Vínculo Zero* (Alexandra Martins e Mariana Brites). Disponível em (<https://vimeo.com/93508976>). Acesso em abr. 2016.

Vídeo: *Vínculo Zero* (Corpos Informáticos). Disponível em <https://vimeo.com/139739244>). Acesso em abr. 2016.

Artigo recebido em janeiro de 2016. Aprovado em março de 2016